

## Museologia Social e Pandemia: ações e interações de dois museus de base comunitária no estado do Rio de Janeiro.

Alexandre Ramires Alonso<sup>1</sup>, Mônica Maria da Silva Souza<sup>2</sup>

*Social museology and the pandemic: actions and interactions of two community-based museums in the state of Rio de Janeiro.*

### As transformações no campo da Museologia

As últimas décadas vêm sendo marcadas pela expansão do conceito de museu e dos alcances da museologia. Essas tendências ganharam visibilidade internacional a partir dos anos de 1970, por meio de uma série de convenções e documentos, que têm como um divisor de águas a Declaração de Santiago do Chile, de 1972. É nesse contexto da chamada Nova Museologia que emerge o conceito de Museologia Social, ou Sociomuseologia.

A Museologia Social se propõe como prática aplicada e assume um caráter eminentemente político, reconhecendo e participando dos debates, críticas, enfrentamentos e vivências que emanam da sociedade (CHAGAS et al., 2018, pp. 75, 76) e buscando atender às suas demandas em relação direta com as pessoas, tendo como base a igualdade de oportunidades e a inclusão social e econômica, por meio da intervenção no patrimônio cultural e natural, material e imaterial (MOUTINHO, 2007, p.39).

O engajamento com a sociedade aponta também para um significativo processo de horizontalização, importante elemento de democratização. Isso parte do entendimento de que já não basta mais democratizar o acesso aos museus e às suas coleções, mas também as ferramentas da museologia, e até mais: entender o próprio museu como uma ferramenta, que pode ser usado para atender a um determinado propósito dentro de sua comunidade (CHAGAS, 2015, 30:07 - 30:28). Este entendimento aponta para o potencial das experiências inovadoras de muitos dos museus comunitários, que lançam mão de seus próprios jeitos de musealizar, se apropriando dos conhecimentos estabelecidos conforme lhes convém.

Esses processos recentes de transformação no universo museal trazem em seus substratos um olhar decolonial, com um horizonte de ruptura com relação às práticas vigentes até então, como expressa Brulon:

---

<sup>1</sup> Historiador, graduado pela UFRJ, com pós-graduação em Gestão de Museus pela universidade Cândido Mendes. <https://orcid.org/0000-0002-3691-5419>, E.mail: [alexandreralonso@gmail.com](mailto:alexandreralonso@gmail.com)

<sup>2</sup> Antropóloga, graduada pela Universidade Federal Fluminense, com pós-graduação em Gestão de Museus pela Universidade Cândido Mendes e colaboradora do Museu de Favela (MUF) no Rio de Janeiro. <https://orcid.org/0000-0002-8966-9418> . E-mail: [monica.msouza18@gmail.com](mailto:monica.msouza18@gmail.com)

[...] [o] museu conhecido e herdado da Modernidade europeia já não é o mesmo e nem representa os mesmos sujeitos. [...] a experiência museal deixou de ser definida exclusivamente pelos termos de especialistas ou pelos enunciados hegemônicos dos Estados nacionais. Mostrando-se como o resultado de negociações que envolvem os usos políticos do patrimônio, o dispositivo museu tem sido apropriado [pelos grupos subalternos], que o disputam como uma arena potente para a representação utópica de suas identidades (BRULON, 2020b, p.9).

Neste novo fazer museal são as periferias que, a partir de suas memórias e de suas relações com o patrimônio, determinam o que é o musealizar. A relação com os meios acadêmicos vem como um intercâmbio de experiências e de saberes. As demandas políticas se fazem a partir do olhar periférico e não com base no que é imposto no campo do poder hegemônico, fazendo desses museus atores a serem considerados na descolonização da museologia (BRULON, 2020b, p.10).

Com base nestas considerações, este artigo tem como foco dois museus de base comunitária do estado do Rio de Janeiro: o Museu das Remoções (MdR), da Vila Autódromo, na Zona Oeste da capital; e o Museu Vivo do São Bento (MVSb), no município de Duque de Caxias, na região da Baixada Fluminense.

Ambos fazem parte Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (REMUS-RJ), criada a partir de 2008. Esta rede tem sido um espaço de construção colaborativa com o objetivo de promover capacitações diversas no campo museológico e patrimonial, bem como debates e propostas no âmbito das políticas públicas da cultura e dos museus, incluindo captação de recursos e intercâmbios com outras redes (GOUVEIA, 2016, p. 741), sempre tendo como norte a valorização da memória e de um patrimônio inclusivos.

#### OS MUSEUS E A CHEGADA DA COVID-19 AO BRASIL

Ao longo do mês de março de 2020, o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), órgão responsável por coordenar as políticas de museus a nível federal, publicou orientações sobre as medidas de precaução contra o coronavírus<sup>3</sup>, culminando com a recomendação pelo cancelamento de eventos presenciais nos museus, em atendimento às orientações das autoridades de saúde.

Os museus, então, começaram a buscar alternativas para se aproximar de seus públicos, ainda que virtualmente. No entanto, com o impacto econômico negativo sobre a sociedade e, em particular na área da cultura, acrescido de um deliberado desinteresse por parte das autoridades públicas em relação ao setor cultural, os desafios de “reinvenção” das práticas museais foram muito grandes e a palavra “crise” foi dominante em todo o período.

Importante apontar, contudo, que, apesar do destaque para o contexto de crise em

---

<sup>3</sup> IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus - **Covid-19 e Museus**. 12 de março de 2020. Disponível em: [www.instagram.com/p/B9pjHCAJam7](https://www.instagram.com/p/B9pjHCAJam7). Acesso em 6/12/2020.

decorrência da pandemia, este estado não é algo excepcional no que diz respeito aos museus de base comunitária. Em seminário promovido pelo projeto EU-LAC<sup>4</sup> sobre as experiências e desafios de museus comunitários em todo o mundo frente à pandemia da COVID-19, a antropóloga e diretora de ações museológicas da *Universidad Austral de Chile*, Karin Weil, afirma:

Os museus de base comunitária não enfrentam períodos de crise - os museus comunitários vivem em estado de crise permanente. Estão em constante perigo por sua condição de pouca visibilidade e reconhecimento e inclusão nas políticas públicas (WEIL, 2020, 1:07:30-1:07:53. Tradução livre).

A partir dessa compreensão, acompanhar as ações de museus comunitários, que já vivem em seu cotidiano vulnerabilidades e constantes enfrentamentos das desigualdades socioeconômicas, agravados pela pandemia, pode apontar caminhos de transformação na relação museus-públicos-comunidade e políticas públicas. Este artigo observou as ações dos dois museus escolhidos desde o início do isolamento social, em março, até o final do ano de 2020.

Dada a conjuntura de isolamento social à época, foram priorizados o levantamento bibliográfico acerca desses museus; entrevistas *online* com seus representantes; a observação dos *sites* oficiais e a análise das publicações em suas redes sociais.

Esta abordagem parte de um olhar do público virtual, com vistas a identificar o tipo de conteúdo disponível e a maneira como este foi difundido durante o período estudado. Por meio das entrevistas, buscou-se identificar quais foram as estratégias utilizadas por esses museus para dar continuidade às suas missões institucionais, quais as dificuldades encontradas e quais os planos para o futuro.

A análise privilegiou o aspecto temático ao quantitativo, observando que tipo de produção foi desenvolvida para o público que só poderia ter acesso então por meio da *internet*, sem, contudo, ignorar aspectos como aumento do volume de publicações durante a pandemia ou a frequência dessas publicações.

## O MUSEU VIVO DO SÃO BENTO

O MVSb é um ecomuseu de percurso, primeiro deste tipo na Baixada Fluminense. Foi instituído como museu público pela Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias, a partir de reivindicação dos profissionais da educação, historiadores e militantes da área da cultura. Seu corpo de funcionários é composto por profissionais de educação da rede pública municipal de Duque de Caxias e auxiliares terceirizados.

As forças organizadoras do museu o comparam a um jardim botânico, onde o acervo é vivo, por isso a ideia de chamá-lo de “museu vivo”, considerando o território como um ser em movimento e em transformação (CARIAS; SOUZA; NOGUEIRA, 2020, pp.165, 166).

O museu está localizado no bairro do São Bento e a história rica da região contrasta com

---

<sup>4</sup> Projeto EU-LAC-Museums: o papel dos museus comunitários na Europa, América Latina e Caribe: [www.eulacmuseums.net](http://www.eulacmuseums.net)

as condições de vida e de infraestrutura precárias atuais, com o estigma de violência e com o descaso do poder público em relação à cultura e ao patrimônio histórico e cultural. Este território é marcado por uma longa história de assentamentos, conflitos e mobilizações sociais, partindo da cultura sambaqueira, que ali existiu há mais de 4 mil anos, passando pelas populações tupinambás, pela era colonial escravocrata, em paralelo com as resistências quilombolas, até as lutas camponesas e operárias dos séculos XIX e XX.

Em 2007, o Sambaqui do São Bento foi ameaçado pelo loteamento do terreno por seu então proprietário. Frente a isso, um grupo de professores das redes públicas do município mobilizou, junto a instituições locais, uma campanha em defesa do sítio arqueológico, que incluiu ação educativo-patrimonial e levantamento de fundos por meio de financiamento coletivo. Esta foi muito bem sucedida e possibilitou tanto a compra dos terrenos quanto a escavação do sítio (GOMES, 2016, p. 17).

Essa trajetória consolidou a experiência necessária para a fundação do MVSB em 2008. Como museu de percurso e de território, sua estrutura, acervo e exposições encontram-se descentralizadas, espalhadas por todo o bairro. O Sambaqui do São Bento compõe uma das exposições de longa duração.

#### O MUSEU DAS REMOÇÕES

O Museu das Remoções está situado no território da comunidade da Vila Autódromo, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, às margens da Lagoa de Jacarepaguá, junto à localização do antigo Autódromo de Jacarepaguá - de onde se originou o nome da comunidade - atualmente convertido no Parque Olímpico.

A comunidade se desenvolveu a partir de uma colônia de pescadores estabelecida nos anos de 1960, e cresceu ao longo das décadas seguintes, acompanhando o aumento dos empreendimentos imobiliários na Barra da Tijuca<sup>5</sup>. Até 2016, contava com cerca de 650 famílias. A partir de então, a prefeitura iniciou o processo de remoção dos moradores, no contexto das obras para as Olimpíadas de 2016. A mobilização da comunidade contra a remoção foi muito intensa e contou com a parceria de pesquisadores, universitários, militantes brasileiros e estrangeiros, parte da mídia alternativa nacional e internacional e artistas. Foram organizadas ações culturais, chamadas “Ocupa Vila Autódromo”, pela mobilização dos moradores do local e de outras comunidades.

Essa resistência foi minando frente à brutal investida do Estado e apenas 20 famílias acabaram permanecendo assentadas no território, não em suas casas originais, mas nas que foram construídas pela prefeitura após um acordo final. Apenas duas edificações originais da comunidade permaneceram, sendo uma delas a igreja católica São José Operário, que serviu de abrigo aos moradores, de espaço de reuniões da associação de moradores e de local de troca de experiências e de fé.

O MdR foi inaugurado em 18 de maio de 2016. Os escombros das demolições foram o

---

<sup>5</sup> “RJ – Comunidade Vila Autódromo luta há décadas contra a prefeitura por direito à cidade, contra a especulação imobiliária”, in Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil - Fiocruz, RJ. Disponível em: [mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/rj-comunidade-vila-autodromo-luta-ha-decadas-contra-a-prefeitura-por-direito-a-cidade-contra-a-especulacao-imobiliaria](http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/rj-comunidade-vila-autodromo-luta-ha-decadas-contra-a-prefeitura-por-direito-a-cidade-contra-a-especulacao-imobiliaria) Acesso em 7/12/2020

material utilizado e a inspiração para a construção de esculturas feitas por alunos de arquitetura da Universidade Anhanguera, que se basearam nas oficinas de memória realizadas com os moradores, ex-moradores e apoiadores. Essas esculturas representam lugares emblemáticos da comunidade que haviam sido demolidos e foram colocadas em um percurso expositivo que resgata a memória afetiva local.

O museu atua por meio de um colegiado de moradores e colaboradores voluntários a partir das demandas correntes e dos projetos definidos no Plano Museológico. Seu acervo vem sendo construído dinamicamente, com destaque para o acervo expressivo de fotografias, construído pelos moradores durante o processo de remoção.

#### INVENTÁRIO DO MUSEU VIVO DO SÃO BENTO (MVSb)

Após a paralisação das atividades presenciais, o MVSb retomou seu contato com o público de modo bastante eficaz, migrando para as redes sociais e plataformas *Facebook*, *Instagram* e *Youtube* as atividades que seriam presenciais, adequando-as ao novo formato. No período observado encontram-se mais de 56% das publicações feitas desde 2016, quando o museu inaugurou seu perfil nas redes.

Acompanhamos prioritariamente as publicações pelo *Facebook*, por onde também os eventos e seminários *online* ao vivo - as *lives* - em sua maioria, foram transmitidas. A primeira publicação de atividades do MVSb foi sobre o Dia da Baixada Fluminense, em 30 de abril de 2021.

#OlharaBaixada	Depoimentos de professores, políticos, museólogos e religiosos sobre seus olhares e suas experiências na e com a Baixada Fluminense.	16 depoimentos em vídeo e 19 depoimentos em texto.
----------------	--	---

O MVSb iniciou também a divulgação do seu acervo, de seu território e de suas memórias. Com isso, quem seguia o museu nas redes acompanhava de perto, e com regularidade, a sua história e seu acervo. As três publicações a seguir foram semanais até o final de 2020.

#PatrimôniosdaBaixada	33 imagens fotográficas que fazem parte do acervo do MVSb.
-#MemóriasMVSb	33 imagens com memórias de ações e eventos do MVSb ao longo de sua história - exposições, festas tradicionais, etc.
#CentenárioBarbozaLeite	31 fotografias das obras do multiartista caxiense que seriam mostradas na exposição presencial.

Na segunda quinzena de junho, o MVSb iniciou a produção de várias séries de *lives*, sempre com temas e abordagens ligadas às comunidades da Baixada Fluminense, suas

desigualdades sociais, suas resistências, suas lutas e seu patrimônio histórico, cultural e ambiental. Foram chamados a participar profissionais de diversos setores - antropólogos, historiadores, produtores culturais, religiosos de diversos matizes, museólogos, etc., que interagem com os profissionais do museu.

#MVSBLive "Escravocratas ao mar"	O museu aborda a questão da escravidão, do racismo e das lutas antiracistas em seus diversos aspectos.	Série com seis encontros.
#MVSBLive "Pandemia e saúde pública na Baixada Fluminense"	História, impacto e relação com o saneamento e as injustiças ambientais.	Série com quatro encontros.

Também a partir de junho, iniciou-se uma nova série relativa a um projeto de grande importância para o museu, o Achadouros, um levantamento de dados sobre a história dos bairros e comunidades da cidade de Duque de Caxias dos quais se tem poucas informações histórico-documentais (ROSÁRIO *et al*, 2012, p. 9). O museu realizou as entrevistas com os moradores diretamente nas *lives*, permitindo a participação do público. Desta maneira, o vídeo com as histórias das localidades já pôde ser disponibilizado ao mesmo tempo em que foi produzido.

#MVSBLive Achadouros	Série com seis encontros.
-------------------------	---------------------------

Outra das séries realizadas também vai no sentido do resgate da memória dos movimentos sociais para a valorização do patrimônio local, neste caso específico o da Paróquia Nossa Senhora do Pilar, referência para a população de Duque de Caxias e para todo o Brasil, já que tanto a edificação quanto seu acervo são bens tombados pelo IPHAN como patrimônio histórico brasileiro desde 1938<sup>6</sup>.

#MVSBLive #RodadeMemória	Movimentos Sociais e a Paróquia Nossa Senhora do Pilar nos anos 1980-1990.	Dois encontros realizados.
-----------------------------	--	----------------------------

O MVSBLive realizou, ainda, uma série sobre o legado de Joãozinho da Gomeia, um dos mais

<sup>6</sup> informações disponíveis em [portal.iphan.gov.br/rj/noticias/detalhes/5796/recuperada-imagem-da-igreja-de-nossa-senhora-do-pilar-rj-apos-46-anos-desaparecida](http://portal.iphan.gov.br/rj/noticias/detalhes/5796/recuperada-imagem-da-igreja-de-nossa-senhora-do-pilar-rj-apos-46-anos-desaparecida). Acesso em 04 jan. 2021.

importantes babalorixás do Candomblé no Brasil e muito influente no campo artístico. Os encontros buscaram trazer a importância da memória e da valorização da trajetória das religiões de matriz africana na cidade de Duque de Caxias, que abrigou até a década de 1970 o terreiro da Gomeia. A luta encampada pelo museu e pelos movimentos sociais resultou no tombamento do terreiro como bem cultural e histórico do Estado do Rio de Janeiro.

#MVSBLive <a href="#">#JoaozinhoDaGomeia</a>	10 encontros mediados pela equipe do museu.
---	---

Seguindo pela mesma temática antirracista, o MVSBLive realizou uma série, em parceria com o Museu da República, para refletir sobre os desdobramentos da campanha “Libertem nosso Sagrado” - que lutou para que a coleção de mais de 500 peças e objetos sagrados da Umbanda e do Candomblé, confiscados há mais de 100 anos, fossem tratadas e valorizadas como patrimônio das religiões de matriz africana no Brasil. Por fim, essa coleção, denominada “Nosso Sagrado”, foi acolhida pelo Museu da República.

#MVSBLive "Cuidando do nosso sagrado"	Três encontros realizados.
--	----------------------------

Finalizando a produção das séries, o MVSBLive realizou as “Cirandas de Conversa”, dois encontros para tratar de museologia social, colonialidades e decolonialidades, trazendo experiências de outros museus participantes da REMUS-RJ, além de museólogos e antropólogos que tratam atualmente do tema. Em outra ciranda, o MVSBLive conversou com um carnavalesco, e com gestores de projetos de arte sobre os pobres, seu direito à cultura e sua produção ativa na cultura brasileira.

#MVSBLive Ciranda de Conversa	Museologia Social, Colonialidades e Decolonialidades	Seis convidados participantes
#MVSBLive Ciranda de Conversa	Pobres, sua Arte e Cultura	Três convidados participantes.

O MVSBLive havia planejado para o primeiro semestre de 2020 o curso de extensão sobre a Baixada Fluminense, que tem sido fornecido pelo museu há pelo menos três anos, presencialmente. O curso é bastante procurado por pesquisadores, alunos de mestrado e de doutorado, participantes de movimentos sociais da Baixada Fluminense e agentes públicos de outros municípios da Baixada. Em resposta à demanda, o MVSBLive organizou uma versão *online* compacta que teve, em média, 290 visualizações por aula, com participantes oriundos de outros estados brasileiros, do exterior, além dos moradores locais, o que mostra a importância da produção historiográfica coordenada pelo MVSBLive e o reconhecimento de suas atividades junto aos setores educacionais na Baixada Fluminense e em todo o Brasil.

#TemposDaBaixada Minicurso - História do Município de Duque de Caxias e da Baixada Fluminense.	Quatro aulas fornecidas pela equipe de profissionais do museu e um seminário com especialistas convidados.
---	--

É importante mencionar que as ações descritas neste capítulo são as que foram realizadas com e para o público em geral e divulgadas nas redes sociais. Outras ações do museu também foram realizadas *online*, mas não disponíveis ao público, como, por exemplo, os encontros com os Jovens Agentes do Patrimônio, descritos na *live* de prestação de contas do museu, ocorrida em 21 de dezembro<sup>7</sup>.

Nesse último encontro, além de trazer resumidamente as ações do ano, a equipe do museu trouxe também homenagens emocionadas aos que partiram vítimas da violência na Baixada Fluminense e da pandemia da COVID-19. No entanto, a marca da reinvenção do Museu era explicitada no tema da prestação - “Nesse tempo de pouso, o voo se fez.”

#### INVENTÁRIO DO MUSEU DAS REMOÇÕES (MdR)

O Museu das Remoções (MdR) inaugurou seu *site* em 2018, dois anos após sua inauguração como museu, e mantém nele um vasto arquivo digital de vídeos, filmes e documentários, matérias de jornais e de mídias diversas, documentos sobre as remoções, teses e dissertações e fotografias produzidas por moradores, ex-moradores e colaboradores. Além de possuir uma página oficial, o museu se comunica com o público através do *Facebook*, *Instagram* e *YouTube*. O *Instagram* foi a rede na qual os diretores e apoiadores publicaram inicialmente. Acompanhamos as publicações, prioritariamente por esta rede social.

Uma das primeiras publicações do MdR nas redes no período do isolamento foi o compartilhamento de uma matéria produzida pelo *site* de notícias “*Rio On Watch* - Relato das Favelas Cariocas” sobre o impacto da pandemia no dia-a-dia das favelas do Rio de Janeiro. Um dos fundadores do museu e morador da Vila Autódromo desde a década de 1990, Luiz Claudio da Silva, dá seu depoimento:

Nós já vivemos normalmente em um isolamento sem igual - não somos assistidos por quase nenhum serviço público, a não ser a coleta de lixo. Com a quarentena, tivemos que aprofundar esse isolamento, redobrar os cuidados e procurar seguir as orientações divulgadas pelos meios de comunicação. [...] sinto que na comunidade estamos todos vivendo à sombra desse fantasma chamado coronavírus. Todos assustados com a possibilidade de o pior acontecer a qualquer um e a qualquer momento. Em nossa comunidade não está sendo tomada nenhuma ação especificamente por parte do governo. Entre nós, moradores, existe a ação da solidariedade: nos ajudamos mutuamente no que

<sup>7</sup> MVSb - Nesse tempo de pouso, o voo se fez - Prestação de Contas 2020. Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=4pvBfWZdo3w&t=2998s](http://www.youtube.com/watch?v=4pvBfWZdo3w&t=2998s). Acesso em 06/01/2021.



cada um pode (SILVA, 2020).

O MdR esteve muito ativo durante o período da pandemia em 2020. Não houve qualquer atividade presencial no período, no entanto, representantes do museu consideraram muito positiva a possibilidade de participar em atividades *online* com instituições e organizações de fora da cidade e também do exterior, das quais provavelmente não teriam condições de participar presencialmente; essa possibilidade ampliou a visibilidade do museu, bem como suas interações institucionais.

Observa-se que no período de março a dezembro o MdR publicou sobre a sua participação, apresentando o museu e seus processos de resistência, em:

- 12 aulas, seminários, depoimentos e oficinas em museus, universidades, em associações acadêmicas para tratar de planejamento urbano, memória e patrimônio cultural, moradia e saúde pública, museologia e museologia social, sustentabilidade nas favelas;
- 5 debates em *lives* organizadas por ONGs, políticos, ativistas de direitos humanos e sociais;

Em sintonia com o que o Museu destaca como uma de suas principais missões, que é apoiar e orientar outras comunidades nos processos de resistência à remoção, foram realizadas várias publicações de solidariedade com chamadas para mobilização de moradores de outras favelas da Cidade do Rio de Janeiro, ameaçadas de remoção.

A partir do mês de agosto, o MdR passou a produzir rodas de conversa, seminários e *lives*, desenvolvidas conforme informado a seguir:

Encontros com outras comunidades e coletivos sobre memória, gentrificação e luta por direitos.	Quatro encontros realizados
Encontros com museus e com coletivos ligados à luta por moradia e meio ambiente.	Quatro encontros realizados

O MdR organizou também atividades para a 14ª Primavera dos Museus, ação coordenada pelo IBRAM e que teve como tema “Mundo Digital - museus em transformação”:

#PrimaveraMuseus2020	Mesas-Redonda Em plataforma com inscrição prévia.	Apresentação dos trabalhos de pós-graduação de dois colaboradores do Museu das Remoções.
		Atualidade das lutas contra as remoções - experiências de algumas comunidades.

Os encontros promovidos em outubro deram continuidade a conversas com coletivos e com comunidades sob o risco de remoção e com outras lutas por direitos humanos.

Direito à moradia, ação contra a Covid19 nas favelas.	Quatro encontros realizados.
---	------------------------------

Com o mote “Em tempo de pandemia as pessoas não podem ir ao Museu, então o Museu vai até as pessoas”, o MdR iniciou a publicação de pequenos vídeos que mostram seu percurso expositivo a céu aberto. Com narração de moradores, ex-moradores e apoiadores do museu, os vídeos apresentam as placas que apontam os vestígios da remoção e reforçam a importância da memória coletiva na construção afetiva do museu.

#MemóriaNãoSeRemove	21 vídeos - 24 placas do percurso expositivo do MdR: “O parquinho das crianças”; “A padaria do Mateia”; “Barricadas”, etc.	Semanais, até dezembro de 2020.
---------------------	--	---------------------------------

#### CONSIDERAÇÕES DOS REPRESENTANTES DOS MUSEUS

A partir do observado nas publicações, algumas questões foram colocadas aos representantes dos museus. A primeira diz respeito à diferença entre os museus ligados à REMUS-RJ e os museus ditos tradicionais.

Como representante do MVSb, Marluvia Santos de Souza<sup>8</sup> destacou a importância da Rede na articulação para o levantamento de fundos para os museus membros, particularmente por meio de emendas parlamentares e pelas premiações do IBRAM. Além disso, apontou para a importância da realização de cursos, que permitem a capacitação de vários museus comunitários. Outras atividades apontadas como relevantes são os trabalhos de campo e a produção de material audiovisual, além de destacar o compartilhamento de diferentes fazeres museais. Observou também que alguns museus ditos tradicionais participam ou vêm se aproximando da Rede, como é o caso do Museu da República e do Museu Histórico Nacional, o que é indicativo de como as questões levantadas no âmbito da Museologia Social transbordam para toda a área, em particular o caráter reativo dos museus comunitários no que diz respeito às demandas das comunidades e de seus territórios, refletindo, em seu fazer museal, suas exposições e suas atividades educativas, a própria comunidade.

Ainda sobre essa questão, Maria da Penha Macena<sup>9</sup>, representante do MdR, afirmou a importância das articulações em rede para a concretização do objetivo central daquele museu, que é o de apoiar comunidades ameaçadas de remoção. Contrapôs a isso, no entanto, a dificuldade enfrentada pelos museus comunitários, em particular o MdR, no sentido de

<sup>8</sup> Mestra em História pela UFF. É diretora do Centro de Referência Patrimonial e Histórico de Duque de Caxias (CRPH) e co-diretora e pesquisadora do MVSb. Entrevista realizada em 27/11/2020.

<sup>9</sup> Moradora da Vila Autódromo e um dos símbolos da resistência contra a remoção da comunidade. Moradora da Vila Autódromo e co-fundadora do Museu das Remoções. Entrevista realizada em 21/11/2020.

conscientizar as populações ameaçadas da importância de sua resistência, visto que as dificuldades cotidianas para com o trabalho e a sobrevivência deixam pouco espaço para o engajamento.

Luiza Andrade<sup>10</sup>, apoiadora do MdR, comentou que o museu está inserido em outras redes além da REMUS, como a Rede Favela Sustentável, onde tem atuado mais nos últimos dois anos (2019 e 2020). Já Nathalia Macena<sup>11</sup>, também representante do museu, destacou que o MdR é muito procurado para participar em eventos da área.

Outra questão levantada diz respeito às migrações das atividades presenciais para os meios digitais durante esse período.

No MVSb, após a suspensão das atividades presenciais, o museu passou a se dedicar mais à realização das *lives* na internet. No entanto, as demandas da comunidade persistiram e, segundo Marlúcia, as experiências *online* foram positivas, pois a comunidade também teve participação ativa, contando histórias e enviando material, principalmente fotografias, nas *lives* do projeto Achadouros.

Luiza Andrade, do MdR, apontou para as dificuldades encontradas com a suspensão das atividades presenciais, destacando a importância das festas realizadas na comunidade, e também as visitas marcadas, em que os moradores recebiam os visitantes. Uma alternativa desenvolvida foi a criação dos vídeos de percurso. Com relação às atividades em redes sociais, não houve muita dificuldade, pois o museu já contava com uma presença nesses meios. Foi destacado o aprendizado e a utilização de outros instrumentos de comunicação, como a realização de reuniões à distância por meio de plataformas específicas.

A pergunta seguinte foi sobre o acesso dos moradores aos meios digitais e se os museus possuem ações de inclusão digital.

Marlúcia Santos afirmou que o museu passa por muitas “dificuldades tecnológicas”. Por ser uma instituição pública ligada à área da educação municipal e, tal qual as escolas da rede pública, sofre com a precariedade de equipamentos. Até a data da entrevista o museu vinha utilizando a *internet* da Secretaria Municipal de Educação, cuja conexão não era estável. Sobre o *site* do museu, também à data da elaboração deste artigo, eram os funcionários que arcavam com os custos para mantê-lo no ar. Além disso, destacou a dificuldade encontrada pelos Jovens Agentes do Patrimônio em se reunir regularmente *online*, por conta das instabilidades da internet.

No MdR, Nathalia Macena relatou o problema da falta de interesse, tanto estatal quanto por parte das companhias telefônicas, com o fornecimento de uma infraestrutura de acesso à *internet* à comunidade. Apesar da comunidade se localizar em pleno eixo olímpico da Barra da Tijuca, cercada por condomínios de classe média e classe média alta e ao lado do Riocentro, um

---

<sup>10</sup> Graduada em Cinema e Jornalismo pela PUC-Rio e pós-graduada em Documentário na Escuela de Cine de Barcelona (Ecib). É cineasta e sócia fundadora da Mairarê Produtora. É colaboradora voluntária do Museu das Remoções. Entrevista realizada em 21/11/2020.

<sup>11</sup> Filha de Maria da Penha Macena, também moradora da Vila Autódromo e co-fundadora do Museu das Remoções. Cursa Artes Cênicas na UniRio. Entrevista realizada em 21/11/2020.

dos maiores centros de convenções na América Latina, apenas uma empresa de menor porte lhe oferecia pacote de *internet*.

Por fim, foi proposta uma reflexão sobre o futuro pós-pandêmico.

Marlúcia admitiu que esta ainda era uma questão em aberto para o museu. Apontou, no entanto, que a experiência com as *lives* e com entrevistas *online* vinha sendo positiva e possibilitou a reunião de pessoas de lugares distantes, afirmando ter certeza de que essa experiência seria fruto de reflexões do museu em um futuro próximo. Informou também que receberia demandas de novas parcerias em função dos encontros *online*.

Nathalia Macena contou esperar ansiosamente a retomada das atividades presenciais do museu, os contatos “com bolo e cafezinho” e seus eventos, que constituem uma parte importante do “espírito” do museu, mas admitiu que a *internet* abriu as portas para uma experiência e um alcance não imaginados até então e que ela continuará fazendo parte da estratégia do museu no futuro. Maria da Penha Macena, por sua vez, também afirmou acreditar que o museu passaria a usar mais a *internet* e previu um futuro em que suas atividades seriam divididas de maneira mais equilibrada entre o digital e o presencial.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se analisar museus inseridos na realidade da museologia social, deve-se se afastar de uma visão homogeneizante - o fato de pertencerem a uma mesma rede pode até torná-los semelhantes em suas propostas gerais, mas não anula suas particularidades, contextos e originalidades, que espelham as condições sociais, ambientais e econômicas vividas nas comunidades de que fazem parte, refletindo as desigualdades sociais e as complexidades urbanas de exclusão. Ao se debruçar sobre esses museus em período de crise tão particular - a da pandemia da COVID-19 - fica exposto um cotidiano de dificuldade e crises por eles enfrentado, sendo esses os desafios que mais os unem.

Ficou evidente a grande capacidade de articulação desses museus, tanto com movimentos sociais e comunitários, como também entre si no sentido de alcançar seus objetivos de luta e sua missão voltada à preservação da memória, ouvindo demandas e estabelecendo novas parcerias. Vê-se também que, apesar das dificuldades tecnológicas, seus acervos materiais e imateriais foram compartilhados com o público de modo eficaz e inovador, impulsionando maior interesse por parte de um público geral. Uma das características desses museus e do seu modo decolonial de atuar - o de *fazer com* - continuou ativada mesmo com os desafios de atuação por meio digital nesse período.

Ao pensarem sobre o futuro pós-pandemia, o que se destaca é que, apesar de realizarem planejamentos organizacionais, esses museus precisam estar atentos também às demandas imediatas que surgem, pois em condições de carência e exclusão é necessário estar pronto para mudar imediatamente de rumo e ajustar seus fazeres. Trata-se, assim, de museus em movimento, orgânicos, cujas dificuldades refletem as dificuldades de seus territórios e cujos interesses refletem os interesses de suas comunidades.

No entanto, o problema da ausência de recursos, que permeia atualmente a realidade dos museus no Brasil, é muito mais flagrante nos casos dos museus de base comunitária, ainda

mais durante a pandemia. A alternativa de se buscar financiamento ou parcerias na iniciativa privada é um grande desafio, dividindo opiniões no campo da museologia social; se já há dificuldade de captação por esta via por parte dos museus ditos tradicionais, com sua maior capacidade de desdobramento nos meios de comunicação e nas grandes mídias, o que se dirá para os museus periféricos e de menor porte?

É também importante notar que esses museus são profundamente marcados por uma concomitância entre o caráter material e o imaterial, impactados com intensidades diferentes pela pandemia. O caráter imaterial constitui boa parte dos acervos desses museus, que lidam com questões como a luta pela justiça e dignidade sociais e a memória comunitária. Esse acervo imaterial já vinha sendo exposto e compartilhado nos meios digitais mesmo antes da pandemia, o que facilitou a adaptação para as plataformas digitais como estratégia de ação frente ao isolamento social. Ainda assim a cultura imaterial foi muito impactada pelas medidas de isolamento social, pois se manifesta no cotidiano de suas comunidades, nas festas, na dança, na interação social, atividades essas prejudicadas durante este período.

A restrição da interação dos corpos e do uso do território foram os aspectos onde mais se demonstraram contundentes os impactos da pandemia nessas comunidades. Maior ainda foi o peso das perdas humanas em decorrência do vírus, sofrido por muitos de seus moradores, e cujos desdobramentos sobre a missão desses museus enquanto repositórios e laboratórios de memória não devem ser subestimados, pois esses não são apartados de suas comunidades; a comunidade é o próprio museu e seu próprio acervo.

Assim, o fato desses museus, assim como suas comunidades, conseguirem sobreviver e reinventar suas trajetórias frente aos desafios não significa que essas condições devam ser naturalizadas. Romper com o olhar acomodado sobre a condição de pobreza e de subalternização deve ser um caminho para se pensar esses museus a partir de uma lógica decolonial, como pontua Weil:

Não olhemos com olhos românticos a precariedade nem a desigualdade dos museus de base comunitária. O fato de saírem fortalecidos dos perigos e ameaças graças ao seu enorme enraizamento comunitário, não significa que seja justo o constante estado de crise em que vivem [...]; é apesar do constante estado de crise que os museus de base comunitária mantêm sua relevância social, ambiental e cultural. (WEILL, 2020. 1:09:10-1:09:58. Grifo nosso. Tradução livre)

Por isso, vale destacar a importância das ações desses museus, enquanto coletivo na REMUS-RJ, que tratam a respeito da institucionalização das parcerias para concorrência em editais, contribuindo para a diminuição das desigualdades de condições presentes também entre os grupos da Rede.

E mais: é notável a ação da REMUS-RJ para discutir, junto às instituições museais normativas, a construção de políticas públicas nesse campo envolvendo todo o universo museal,

e que considerem com equidade os museus de base comunitária: não de modo assistencialista, mas que discutam e problematizem as dualidades de centralidade e marginalidade, de tradicional e periférico. Como afirma Brulon,

Entender o museu como um dispositivo para a democracia cultural é o primeiro passo para a construção de políticas públicas que não se voltam para a mera manutenção das margens, mas que servem à constante disputa pelo centro produtor de matérias que *importam* (BRULON, 2020, p.24. Grifo do autor).

Já Mário Chagas abordou sobre a necessidade dessas políticas públicas inclusivas no campo da cultura sob outro aspecto, o do impacto positivo com pouco dispêndio de recursos:

Nós sabemos, por experiência, que a aplicação, o desenvolvimento de políticas públicas para pequenos museus, para museus comunitários, implicam em baixos recursos e grandes resultados, grandes impactos (REDES, 2019, 1:42-2:24).

Os museus de base comunitária se destacam no mapa museológico brasileiro e mundial e podem ser focos luminosos de orientação dos percursos do fazer museal que as novas conjunturas irão demandar. A busca deve ser de construções conjuntas de diálogos para a transformação cultural e social, de maneira que a inquietude observada nesses museus transborde para o universo museal como um todo, fazendo dos museus brasileiros instituições propositivas a serviço da vida.

## Referências

BRULON, B. **Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus**. Anais do Museu Paulista, vol. 28. São Paulo: Nova série, 2020.

\_\_\_\_\_(ed.). **Descolonizando a museologia. Vol. 1**. Museus, ação comunitária e descolonização. Paris : ICOM/ICOFOM, 2020. Disponível em: [icofom.mini.icom.museum/publications-2/the-monographs-of-icofom](https://icofom.mini.icom.museum/publications-2/the-monographs-of-icofom). Acesso em 12/12/2020.

CARIAS, A.J.C.; SOUZA, M.S.; NOGUEIRA, R.M. **As pegadas inventadas pelo Museu Vivo do São Bento na Baixada Fluminense**. In: BRULON, B. (ed.). **Descolonizando a museologia. Vol. 1**. Museus, ação comunitária e descolonização. Paris : ICOM/ICOFOM, 2020. Disponível em: [icofom.mini.icom.museum/publications-2/the-monographs-of-icofom](https://icofom.mini.icom.museum/publications-2/the-monographs-of-icofom) Acesso em 12/12/2020.

CHAGAS, M. S.; PRIMO, J. S. ; STORINO, C. M. P.; ASSUNÇÃO, P. **A museologia e a construção de sua dimensão social: olhares e caminhos**. In: Cadernos de Sociomuseologia, no. 11-2018, v. 55, pp. 73-102. Lisboa: CeiED, Universidade Lusófona, 2018.

CHAGAS, M. S. **Museologia Social** [entrevista concedida ao programa Arte & Cultura]. Arte & Cultura, Fase TV - UNIFASE, 2015. Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=HQD\\_Yc6uZuo](http://www.youtube.com/watch?v=HQD_Yc6uZuo). Acesso em 6/07/2020.

GOMES, M.T. **Patrimônios de Duque de Caxias: história e memória no Museu Vivo do São Bento**. 2016. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2016.

GOUVEIA, I.; PEREIRA, M. **A Emergência da Museologia Social**. In: Políticas Culturais em Revista, v.9, n. 2, pp. 726-745. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2016.

MOUTINHO, M.C.M. **Definição evolutiva de sociomuseologia**. In: Cadernos de Sociomuseologia, V.28, N.28., Actas do XII Atelier Internacional do MINOM. Lisboa: CeiED, Universidade Lusófona, 2007.

MUSEU DAS REMOÇÕES. **Museu das Remoções**, 2020. Página oficial do Museu das Remoções. Disponível em: [museudasremoco.es.com](http://museudasremoco.es.com). Acesso em 02/07/2020.

MUSEU DAS REMOÇÕES. Plano Museológico (2017). Rio de Janeiro: Museu das Remoções, 2017.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. **Museu das Remoções** - Uma breve apresentação. In: Revista Brasileira de Museus e Museologia (MUSAS) - Ano XIII, 2018, no. 8. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM, 2018.

MUSEU VIVO DO SÃO BENTO. **Museu Vivo do São Bento**, 2020. Página oficial do Museu Vivo do São Bento (MVSb). Disponível em: [www.museuvivodosaobento.com.br](http://www.museuvivodosaobento.com.br). Acesso em 12/12/2020.

REDE DE MUSEOLOGIA SOCIAL DO RIO DE JANEIRO. **REMUS-RJ**, 2020. Blog da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro. Disponível em: [rededemuseologiasocialdorj.blogspot.com](http://rededemuseologiasocialdorj.blogspot.com). Acesso em 10/07/2020.

REDES de memória e resistência - **Documentário sobre a Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro**. Direção de Paulo Rosa. Edição de Gabriel Carvalho, Rondelly Cavulla e Inês Gouveia. Roteiro e REMUS-RJ, Paulo Rosa, Rondelly Cavulla e Inês Gouveia. Produção de Clara Leal. Captação de Imagens de Carvalho Filmes e Macacu Cine. Rio de Janeiro: REMUS-RJ, 2019. Vídeo digital (ca. 25 min). Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=sc1xHROIL4](http://www.youtube.com/watch?v=sc1xHROIL4). Acesso em 13/01/2021.

ROSÁRIO, A.B. *et al.* **Achadouros** - 400 Anos de Devoção 1612-2012. Duque de Caxias: Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti; Paróquia Nossa Senhora do Pilar; CRPH-DC e MVSb, 2012.

WEIL, K. **Museos comunitarios en tiempos de crisis: experiencias comunitarias en Chile.** Webinário EU-LAC, Community-based museums in times of crisis: community experience, 2ª Sessão, 29/06/2020. Disponível em: [www.facebook.com/1823196741288141/videos/266090564672694](https://www.facebook.com/1823196741288141/videos/266090564672694). Acesso em [30/06/2020](#).